

Os cantos estão mudando

Os sinais começaram a mudar. Os cantos, também.

É impossível ir a um dos protestos do Black Lives Matter de Nova York e não compará-lo com as marchas que vieram antes dele. No fim de semana passado, passei pelo Washington Square Park ao lado de camaradas cantando “Que se lixe o piquenique”, porque em meio ao luto público pela – e raiva coletiva pela – morte de George Floyd, Breonna Taylor, Nina Pop, Tony McDade e tantos outros, alguns nova-iorquinos escolheram fazer um piquenique no parque. Essa feliz ignorância tinha acabado, pelo menos por hoje.

Esta tarde, a Praça Washington estava repleta de manifestantes. Alguns tiravam fotos para o Instagram no lado sul do parque, segurando placas feitas a mão e posando. O lugar popular teve que ser mudado de um sábado para o outro. Agora as pessoas estavam em protesto.

“Fora de sua casa, e para as ruas”, nós chamávamos. Será que eles ouviram?

Olhando para trás nos protestos que participei, vejo que eles começaram a mudar. Eles se tornaram mais focados politicamente, à medida que se tornaram maiores e às vezes mais desorganizados externamente.

Na sexta-feira passada, eu estava no Barclays, que irrompeu em violência quando policiais declararam ilegal a assembléia de manifestantes.

No sábado marchei pela Union Square, e os carros da polícia queimaram. Domingo eu descansei. Segunda-feira fechamos a FDR Drive.

Terça-feira começou em Stonewall, onde negros e negras queers desfilaram pelos manifestantes enquanto aplaudíamos. Eu me vi

no centro após o toque de recolher, e a polícia bateu nas costas da multidão. Na quarta-feira eu descansei.

Quinta-feira foi uma maratona de protestos – serpenteando pelo Brooklyn Central enquanto os vizinhos levavam seus filhos para fora e batiam tachos e panelas em solidariedade.

Sexta-feira fiquei mais perto de casa e andei por Williamsburg, onde uma mulher branca gritou em um megafone, e a polícia ameaçou um homem em uma cadeira de rodas. O grupo andava em círculos pelos mesmos quarteirões uma e outra vez, o que aparentemente confundia os policiais, mas também me confundia. Eu saí me sentindo confusa e insatisfeita.

Mas a cada dia, havia pequenas mudanças nas conversas sobre o que queríamos. Notei que os cantos fizeram uma transição para incluir demandas: Exigimos que a polícia de NY seja desfinanciada, e assim dizemos: “Sem justiça, sem paz, desfinanciem a polícia”. Nós paramos de exigir que os policiais se ajoelhassem (Graças a Deus.) Ao invés disso, exigimos que eles deixem seus empregos.

Essas exigências pareciam se cristalizar para mim esta manhã na marcha dos professores para tirar os policiais das escolas. Organizado pelo Movimento de Educadores de Base (MORE), uma organização de base da Federação Unida de Professores, o evento se concentrou em acabar com o mecanismo escola-prisão, desfinanciando a Polícia de NY e financiando nossas escolas públicas. Mas os palestrantes foram mais longe, assim como os sinais dos professores. Eles disseram: “Contrate professores negros”. “Ensinar currículos de negros”. “Conselheiros não policiais”. Os alunos precisam ter acesso à educação em um espaço seguro, e também ter estrutura e estabilidade em suas vidas domésticas para ter sucesso na escola. Nossos filhos precisam de cuidados com a saúde. Eles precisam de moradia.

Quando o grupo de educadores, pais, alunos e aliados marcharam para o Washington Square Park, nós unimos forças com outro

comício. Havia milhares de pessoas. Eu nunca vi o parque tão apertado. Nosso contingente do Bread & Roses se espalhou e conversou com os participantes sobre as demandas do DSA, provocando conversas através da distribuição de cartões do DSA Nova York que dizem que precisamos desfinanciar a NYPD e investir em nossas comunidades.

É importante ressaltar que os socialistas não estão apenas pedindo alguns direitos humanos básicos para os trabalhadores negros, se a classe dominante puder poupá-los. Não estamos apenas encorajando uns aos outros a “trabalhar em nós mesmos” e “ser melhor” (a resposta liberal ao racismo no momento – basta ver as listas de leituras). Ao invés disso, estamos exigindo justiça. Estamos exigindo justiça para aqueles que perderam a vida por causa do racismo e do policiamento. E estamos exigindo justiça para o nosso futuro, porque sabemos que todos devem poder viver em um mundo que os apóie e proteja.

É uma coisa para o DSA Nova York exigir que a NYPD seja desfinanciada. É outra coisa para o público em geral, as dezenas de milhares de pessoas que vão às ruas neste fim de semana, para fazer as mesmas exigências. Mais pessoas do que imaginamos estão chegando a uma análise radical, ainda que desigual, da polícia, formada tanto pelo sentimento de solidariedade quanto pelas experiências de primeira e segunda mão nos protestos. Não é mais aceitável fazer um piquenique durante um protesto. E ao invés disso, as pessoas dizem: “Não só vou aparecer, mas o meu dinheiro dos impostos poderia ser usado para... qualquer outra coisa além de policiais racistas”?

Esta noite, eu me juntei aos camaradas do Bread & Roses no Barclays, onde o caos parece explodir a cada noite. “Quem você serve?”, a multidão cantava para os policiais, “Quem você protege?”.

A polícia não tinha resposta.

Mais tarde, minha amiga Whitney me fez, brincando, a mesma pergunta. A quem eu sirvo? Quem eu protejo? Eu disse, grosso modo, a minha comunidade. Eu olho pelos meus vizinhos, e eles olham por mim. E igualmente importante, o Estado não está fazendo isso por nós, e eu acho que deveria.

Eu tenho considerado em quem devemos confiar neste momento. Eu dei e peguei garrafas de água de estranhos, e escutei as pessoas quando me disseram para correr. Tenho menos confiança para os políticos de Nova Iork. Quanto mais me envolvo na política eleitoral através do trabalho que faço no DSA, mais acredito que não se pode confiar naqueles que não são socialistas declaradamente e sem desculpas. Este é um duro teste de fogo.

Esta noite, quando nosso grupo de manifestantes se fundiu com outro grupo em uma bela demonstração de solidariedade, os organizadores anunciaram que fariam um acordo com a NYPD, mediado pelo vereador Brad Lander. Não seríamos presos antes das 23h, ao invés das 20h. A NYPD estava nos permitindo um pequeno protesto. A classe dominante estava fazendo uma pequena concessão.

Claro que queremos estar seguros; não queremos que a polícia nos acerte no chão com cacetetes, como fizeram com outros manifestantes. Mas eu acredito firmemente que não protestamos em coalizão com nossos opressores. Para quem é este protesto? Eu me perguntava. A polícia parece pensar que estamos marchando, então vamos ouvir nossas próprias vozes. O que eu espero ouvir ao invés disso é a sua voz em harmonia com a minha. Eu quero ouvir nossas vozes juntas, unidas. Eu acho que somos mais fortes assim.

Após o anúncio dos organizadores, deixei o protesto com outras pessoas desiludidas. Os líderes do protesto parecem ter chegado a um acordo que conseguiu desmobilizar a multidão. E, de fato, parece que um pequeno contingente ficou. Mesmo assim, eu voltarei.

Há alguns dias, um amigo que mora na Carolina do Sul ligou para conversar. Ela me perguntou quando eu pensava que os protestos e tumultos iriam acabar.

Eu disse que terminaria quando nossas exigências fossem atendidas, e me sinto satisfeita com esta resposta. O NYPD e as estruturas de racismo e supremacia branca não foram construídas em um dia, e não serão desfeitas em um dia. Eventualmente, o incrível número de pessoas nestes protestos vai diminuir, assim como os grevistas eventualmente terão que voltar ao trabalho. Mas estamos construindo um movimento e podemos durar mais que um momento na luta pela justiça. Até lá, eu vou continuar marchando. Espero que você também continue.